

**GASQUES, J.*****Anjos: Deus cuida de nós.***

São Paulo: Paulus, 2014, 100 p.

ISBN: 978-85-349-3746-7

*Ângelo Vieira da Silva*

Miguel, Gabriel, Satanás, anjos da guarda, filhos de Deus, cabala, santos... Eis algumas sabidas palavras que sobrevêm ao leitor que se depara com uma obra sobre seres angelicais. No entanto, o tema é complexo e os discursos múltiplos: cristão, judaico, apocalíptico, esotérico, ocultista, satanista, etc. Nesse caso, eis um livro repleto de vigor cristão sobre o dogma e tradição católicos romanos sobre os seres espirituais criados por Deus denominados anjos.

O livro “Anjos: Deus cuida de nós” é uma obra de Jerônimo Gasques, mestre em teologia dogmática e sacerdote do clero diocesano de Presidente Prudente/SP. Além de já ter atuado no magistério de filosofia e teologia, bem como ter sido assessor regional de Pastoral da Juventude, o autor escreveu diversas obras e artigos focados na visão eclesial católica romana.

Além da introdução e conclusão repletas de apelos pela busca de um confiável conhecimento acerca dos ministros de Deus, o livro está composto por seis partes referentes à doutrina, a saber: (1) nome e significado dos anjos, (2) onde buscar o ensino sobre os anjos, (3) como os anjos aparecem na bíblia, (4) a doutrina sobre os anjos, (5) a tarefa dos anjos e (6) o que a igreja ensina sobre os anjos. Igualmente, é muito oportuna a abordagem aos movimentos ou tendências de hoje e do passado, constituindo-as em supraterrrestres (a partir da Idade Média), parareligiosas (entre judaísmo e islamismo, por exemplo), esotéricas (cabala, nova era, espiritismo ou movimentos intimistas como os carismáticos), bíblica (antigo e novo testamentos, apócrifos e pseudoepígrafos) e suprauniversal (os anjos presentes no imaginário comum a todos os homens).

“As pessoas, em geral, não distinguem a natureza dos anjos da sua função. Para a maioria, tudo é a mesma coisa”. Gasques, por sua vez, pretendeu estabelecer o que os anjos representam para os seres humanos na primeira parte de seu livro. Daí fixa o conceito “*angelos-malak*”, dispondo acerca da natureza e funções angelicais. Além de aludir ao dogma dos anjos caídos pela tradição romana proclamada nos concílios ecumênicos de Nicéia I e Latrão IV, ainda norteia sobre a fé em anjos da guarda. Curiosa é asserção de que existem apenas quatro divisões ou ordens angelicais, a saber; serafim, querubim, arcanjo e anjo.

O capítulo dois é um desafio pela busca do ensino coerente sobre os seres angelicais. Minúsculo, com apenas quatro páginas, incentiva a leitura das escrituras cristãs como “a fonte da qual emana toda a reflexão e credibilidade sobre os anjos”.

Considerando o antigo e novo testamentos, apócrifos e pseudoepígrafos, na terceira porção da obra o autor discorre sobre como os anjos são percebidos nas escrituras cristãs. Ao que parece, o capítulo dois foi uma preparação pastoral para se estudar a “matéria de fé” da referida estrutura textual. Por esse motivo, o autor considera as centenas de referências a anjos na Bíblia e muitas postulações são fundamentadas em Tobias.

Apesar de, aparentemente, não ser objetivo de Gasques sistematizar uma obra sobre angelologia, o quarto capítulo consagra a doutrina sobre os anjos. O autor organiza as formas nas quais os anjos são apresentados, bem como suas dotações (inteligência, emoções, vontade) e limites.

A quinta parte da obra pretende focar o ministério, a tarefa dos anjos. Gasques os chama de auxiliares dos homens. Relembrando algumas contribuições da iconografia, tradição e bíblia, o autor apresenta a atuação angelical no universo humano, salientando a empreitada do próprio Lúcifer que, estranhamente, é desassociado de Satanás (seriam anjos diferentes?).

Mais eclesiástico, no último capítulo o autor enfatiza o posicionamento dogmático de sua igreja acerca dos anjos. Aliando-os ao “mistério da piedade”, Gasques lança mão do Catecismo católico romano, de nomenclaturas neo-testamentárias e de textos do Pseudo-Dionísio (século VI) para comprovar que os anjos vêm de Deus e são enviados por ele para proteger seu povo. Ao final do tópico é sugerido um devocionário de proteção com orações dirigidas a Deus e aos anjos.

Finalmente, deve-se dizer que a obra possui proveitosos pontos de vista sobre a consciência humana acerca dos anjos. Eis uma crítica do autor:

“estamos criando anjos que tenham a nossa medida e correspondam à nossa necessidade. Procuramos anjos que falem, sintam e amem a gente de verdade. Nossa carência é tão grande que somente os anjos podem nos socorrer”. Daqui, analisou os perigos envoltos em superstições como a cromoterapia, talismãs, ioga, reiki, defumadores, cabala, essências, astrologia, descarrego, duendes, patuás, cartas, tarôs, búzios, apetrechos de proteção, chás e outras parafernálias que tanto prometem soluções.

O livro não é tão fiel à intenção do autor, que registrou: “meu intuito não é fazer um livro sobre a angelogia (...), mas apenas indicar aqueles elementos de espiritualidade para reforçar nossa tradição religiosa-espiritual sobre a doutrina dos anjos presentes nas Escrituras e na tradição eclesial”. Ora, não é por se tratar de uma obra evidentemente de caráter pastoral que Gasques não produz “angelologia”. Ele principia, estabelece, fundamenta e defende a doutrina sobre os anjos. É compreensível que o autor, humilde, escreva em termos de “iniciando uma conversa sobre os anjos”. Porém, sua contribuição merece consideração, pois, “a falta desse estudo tem acarretado o surgimento de muitos ensinamentos – seitas, heresias, doutrinas, ensinamentos, misticismo e esoterismo – adversos sobre os anjos”, assinalou o próprio autor na introdução do quarto capítulo.

Por outro lado, há certa desproporcionalidade entre o primeiro e os demais capítulos da obra. Nota-se, igualmente, a repetição de alguns conceitos e frases ao longo de todo o texto. Sim, Gasques aspira apenas ponderar sobre aqueles elementos essenciais da fé cristã sobre os anjos. Não obstante, é possível fazê-lo com mais simetria e harmonia. As partes que compõem o todo poderiam ser mais bem distribuídas revelando suavidade acadêmica.

Há certa confusão acerca da permissão de se orar a anjos. O autor a condena e, ao fim da obra, oferece um devocionário de oração aos mesmos anjos. Além disso, há falta de clareza sobre o posicionamento de Gasques quanto ao número de arcanjos. Ora estabelece a possibilidade de três chefes angelicais (Miguel, Rafael e Gabriel), ora exprime que apenas Miguel é tratado como arcanjo na escritura. São pontos que poderiam ser mais transparentes ao leitor.

Enfim, o autor demonstra simplicidade e dom pastoral na exposição da doutrina; sensibilidade, em apreciar um tema que “está sempre voltando”. Apesar da catolicidade romana que dá o tom ao livro, cita e aprecia algo da dogmática protestante sobre os seres angelicais. Por isso, Agostinho lhe cai muito bem: “foi o orgulho que transformou anjos em demônios, mas é a humildade que faz de homens anjos”. No livro, Gasques considerou a Idade



Média como o período áureo para o dogma dos anjos. Pessoalmente, subcreve-se tratar de um tema sempre em “Alta” que requer ainda mais obras que evidenciem os exageros e desvios doutrinários sobre os seres angelicais.

*Ângelo Vieira da Silva*

Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória/ES

Resplendor / MG – Brasil

E-mail: revavds@gmail.com